

## BILDUNG EM NIETZSCHE

DANILO ROSA GONÇALVES<sup>1</sup>; CLADEMIR LUÍS ARALDI<sup>2</sup>

Buscaremos, com este trabalho, compreender o posicionamento de Nietzsche sobre a noção alemã de *Bildung*. Contaremos com o apoio teórico de Alexandre Alves para compreendermos as alterações das definições do termo até o século XIX, onde trabalharemos com a interpretação tardia nietzschiana.

O conceito de *Bildung* faz parte da noção de educação da sociedade alemã. Tal termo é amplamente traduzido por *formação*, no qual podemos contemplar tipos de capacidades que são esperadas de um sujeito que será tido como um ser humano bem formado ou até mesmo um bom cidadão. Com a ajuda de um dicionário, podemos ver o radical *Bild* (imagem) na estrutura da palavra. Dessa forma, o sujeito com uma boa formação também é uma imagem da humanidade.

Com Alexandre Alves podemos ver que Herder foi fundamental para a formação do ideal de *Bildung*. O problema central de Herder é “[...] encontrar um sentido para a vida humana num mundo cada vez mais semelhante a uma vasta máquina da qual os indivíduos são apenas engrenagens [...]” (ALVES, 2019, p. 5). Podemos ver que teremos em Herder uma analogia com as máquinas, na medida em que o Estado utiliza o sujeito como apenas uma peça. Nesse sentido, não há necessidade do desenvolvimento humano e nem de capacidades que tornem esse indivíduo mais consciente de si. Nesse momento, há a preocupação com a formação de capacidades técnicas, que ajudem a manter as funções do Estado.

Em oposição a tal ponto, teremos a defesa da *Bildung* como tarefa do Estado, fazendo com que “[...] cada um se desenvolva e realize todas as suas potencialidades e inclinações” (ALVES, 2019, p. 5). Vemos aqui uma inversão de posições. Neste sentido, o Estado não deve fornecer uma educação que obrigue o sujeito a exercer uma função que não lhe seja própria. Dessa forma, com o autodesenvolvimento e conhecimento de suas capacidades e limites, esse sujeito pode, através da formação, desenvolver capacidades que lhe permitam exercer as funções que lhe sejam próprias. Dessa forma, se cada indivíduo agir de acordo com suas capacidades, também haverá o benefício do Estado, que contará com melhores cidadãos.

Indo adiante, veremos que essa noção de *Bildung* foi utilizada institucionalmente, não sendo mais apenas uma forma filosófica de criticar a educação alemã. Podemos ver com Alves que “nas escolas primárias, foi adotada a pedagogia de Pestalozzi, que levava em conta as necessidades e especificidades da criança. No nível secundário, foram instituídos os *Gymnasien* com base no estudo dos clássicos gregos e no ideal da individualidade harmoniosa” (ALVES, 2019, p. 10). Nesse sentido, podemos ver um posicionamento positivo, na medida em que permitia o espaço para o sujeito buscar as atividades que lhe proporcionassem maior expressão de si mesmo e fossem mais coerentes com a perspectiva de vida que esse cidadão buscava no futuro.

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em licenciatura do curso de filosofia – IFISP – UFPEL;  
daniologud@hotmail.com;

<sup>2</sup> Orientador. Professor do DFIL - IFISP – UFPEL; clademir.araldi@gmail.com.

Mas Alves aponta um grave problema da institucionalização da *Bildung* neste momento, que foi o preconceito entre as classes. Nas palavras do pesquisador, “[...] o *Gymnasium* estava acima das escolas tradicionais e era a única instituição de ensino secundário a poder aplicar o *Abitur*, exame que dava acesso às universidades alemãs” (ALVES, 2019, p. 11). Assim, aqueles que não passassem pelo *Gymnasium* não teriam acesso ao ensino universitário e teriam de recorrer às *Realschulen* para o ensino técnico. Ou seja, temos aqui um ambiente que divide os que serão universitários e os que terão um ensino técnico. Podemos entender que embora a *Bildung* estivesse sendo utilizada como base teórica, os que não fossem universitários não seriam vistos como cidadãos bem formados. O ensino técnico passaria a ser visto como uma educação inferior. Entendemos que o ensino universitário fora associado com a classe burguesa. Teremos o sujeito bem desenvolvido, ou ainda, culto, como uma forma de status social.

Buscamos valorizar a crítica tardia de Nietzsche ao ensino alemão, principalmente no que podemos ver em *Crepúsculo dos Ídolos* (CI). Consideramos que parte da crítica é encontrada no capítulo intitulado *o que falta aos alemães*, onde o filósofo expõe uma oposição ao ensino alemão. Podemos ver que o Estado e a Cultura são opostos entre si, isso no parágrafo 4 do capítulo citado. Dessa forma, percebemos que uma educação que elevasse a cultura, enfraqueceria o Estado. Nesse sentido, parece-nos que o Estado, como autoproteção, não incentivaria a formação de um sujeito culto. Nas palavras do filósofo, “[...] que atmosfera reina entre os seus eruditos, que desolada, satisfeita e morna espiritualidade” (NIETZSCHE, 2006, n.p.). É nessa medida, que Nietzsche começa o capítulo por afirmar que o alemão está fraco de espírito.

Vemos que esse enfraquecimento de espírito está vinculado à alteração na forma como se vê a educação. De Herder até Nietzsche o conceito *Bildung* sofre alterações. Nesse momento, não se pensava em uma formação do indivíduo. Para o filósofo alemão, a Alemanha “esqueceu-se que educação, *formação* é o fim — e não “o *Reich*” —, que para esse fim é necessário o *educador* — e não professores de ginásio e eruditos universitários...” (NIETZSCHE, 2006, n.p.). Podemos ver que nessa estrutura, na qual indivíduos são formados para completarem atividades que são basilares para a existência do Estado, o espírito pouco importa. A crítica de Nietzsche vai em direção à formação cultural do indivíduo.

O sujeito que antes era formado como educador ou filósofo é, nesse momento, formado como profissional da educação ou professor. Tal titulação pouco diz das capacidades do sujeito e seu trabalho não é ensinar, mas manter a educação na forma que convém ao Estado. Nas palavras do filósofo “— O que as “escolas superiores” da Alemanha realmente alcançam é um brutal adestramento, a fim de [...], tornar útil, *utilizável* para o Estado um grande número de homens jovens” (NIETZSCHE, 2006, n.p.). Isso diz respeito tanto ao ensino técnico, que forma sujeitos que avançam a indústria, tanto para os universitários, que acumulam grande número de informações e pouco fazem para a transformação do espírito.

Após vermos a nova mentalidade da educação alemã, podemos constatar o que isso causa no estudante. O filósofo alemão afirma: “como se algo fosse perdido se o jovem de 23 anos ainda não estivesse “pronto”, ainda não tivesse resposta para a “pergunta-mor”: qual profissão?” (NIETZSCHE, 2006, n.p.). A má-consciência, para usar um termo nietzschiano, que se forma no estudante é vinculada a pressa. Agora

existe a necessidade de o mais rápido possível estar pronto para executar sua função. E tudo isso está vinculado à utilidade desse sujeito. Pouco importa o espírito e sua formação humana, mas sim sua capacidade técnica de executar uma tarefa que manterá os cidadãos no rebanho.

Em oposição a essa formação decadente, o filósofo brinda o leitor com as tarefas que precisam ser desenvolvidas pelos educadores. “Deve-se aprender a *ver*, aprender a *pensar*, aprender a *falar* e *escrever*” (NIETZSCHE, 2006, n.p.). A primeira tarefa diz respeito ao adiamento do julgamento do que se vê, ou seja, não expressar imediatamente um julgamento sem um estudo prévio. Para a segunda tarefa é necessária “[...] uma técnica, um plano de estudo, uma vontade de mestria” (NIETZSCHE, 2006, n.p.), é algo a ser aprendido. Por último, falar e escrever faz parte da *dança* que está presente na educação nobre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Artigo:

ALVES, A. A tradição alemã do cultivo de si (*Bildung*) e sua significação histórica. Educação & realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 02, e83003, 2019.

ALVES, A. A crítica de Nietzsche ao ideal alemão de *Bildung*. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 11, nº 3, p. 26-40, 2018.

Livro:

DWB = Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis Leipzig 1971.

MARTON, S. et al. Dicionário Nietzsche / [editora responsável Scarlett Marton]. –

São Paulo : Edições Loyola, 2016. – (Sendas & veredas).

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos (edição de bolso): ou Como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo : Companhia das Letras. 2006. Edição eletrônica.